

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
ARTIGO CIENTÍFICO

A LIGA DAS CELEBRIDADES:

AS TRANSFORMAÇÕES DOS JOGADORES E DOS JORNALISTAS NA NBA

ORIENTANDO: PEDRO HENRIQUE SANTAROSA QUISTE LEÃO

ORIENTADOR: PROF. ROGÉRIO PEREIRA BORGES

GOIÂNIA

PEDRO HENRIQUE SANTAROSA QUISTE LEÃO

A LIGA DAS CELEBRIDADES:

AS TRANSFORMAÇÕES DOS JOGADORES E DOS JORNALISTAS NA NBA

Artigo científico apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, da Escola de Direito, Negócios e Comunicação e Relações Internacionais, curso de Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

Prof. orientador: Rogério Pereira Borges

GOIÂNIA

2021

PEDRO HENRIQUE SANTAROSA QUISTE LEÃO

A LIGA DAS CELEBRIDADES:

AS TRANSFORMAÇÕES DOS JOGADORES E DOS JORNALISTAS NA NBA

Data da defesa: 30 de novembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Rogério Pereira Borges

Examinador convidado: Prof. Antônio Carlos Borges Cunha

Examinador externo convidado: Luciano Martins

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e à minha irmã, que me apoiaram na minha escolha pelo curso de Jornalismo.

Agradeço aos meus amigos que, direta ou indiretamente, aumentam a cada ano minha paixão pela NBA desde que comecei a acompanhar a liga.

Finalmente, agradeço também ao orientador do meu trabalho, Rogério Borges.

RESUMO

O presente trabalho analisou as transformações no jornalismo que cobre a National Basketball Association (NBA), liga de basquete estadunidense, possibilitadas pelo domínio da internet no setor da Comunicação. O objetivo foi entender as nuances das adaptações que a imprensa precisou realizar em seus meios de divulgação de informações, analisando desde o período em que jornais impressos eram o principal veículo até as redes sociais no século XXI. A pesquisa teve como principais métodos entrevistas exclusivas realizadas em inglês e em português, além de consultas em livros e arquivos de jornais. Foi possível analisar as mudanças radicais sofridas pela prática noticiosa, evidenciando um papel fundamental das redes sociais, especialmente o Twitter, em veicular informações o mais rápido possível e vencendo de sites, televisão, rádio e jornais impressos nas publicações dos “furos”. Como consequência, houve também um processo de celebrização dos repórteres, responsáveis pela publicação das notícias nas redes, que diminui a relevância das empresas jornalísticas no debate público e gera debates éticos sobre a produção para engajamento.

Palavras-chave: Jornalismo, jornalismo pós-industrial, jornalismo esportivo, basquete, NBA.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2. AS TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO.....	9
2.1 As teorias do jornalismo em adaptação	9
2.2. A produção de conteúdo jornalístico democratizada	144
2.3 A fama e transformações dos meios de comunicação.....	18
2.4 O livro-reportagem	233
3 PRODUTO.....	266
3.1 Características	266
3.2 Diário de produção	288
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	333
5 REFERÊNCIAS	355
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.7

1 INTRODUÇÃO

As redes sociais têm sido, cada vez mais, parte fundamental do mundo moderno, influenciando desde operações de negócio até o setor de comunicação. Dessa forma, os esportes e tudo o que se relaciona a eles também sofreram diversas transformações e adaptações nas últimas décadas, e uma das organizações onde isso fica mais claro é a National Basketball Association – NBA, principal torneio de basquete do mundo, disputado nos Estados Unidos. Graças à enorme presença no Twitter, a liga viu a rede social se transformar em parte essencial de seu ecossistema, mudando a forma que jogadores e times se comunicam, mas, acima de tudo, transformando o trabalho dos jornalistas que a cobrem.

No livro-reportagem *A Liga das Celebridades: as transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA*, abordou-se a evolução da liga desde seus primórdios para entender como ela se tornou uma organização de celebridades, estabelecendo um paralelo entre as mídias – desde o impresso, passando pela televisão e chegando à era da Internet, em que os próprios jornalistas se tornam ícones, concretizando a ideia de “liga das personalidades”. Obviamente, o crescimento da organização foi um processo influenciado por diversos fatores, e por isso houve enfoque maior em momentos históricos ou que estabeleceram novos paradigmas. Dessa forma, é possível entender como a transformação da prática jornalística está intrinsecamente ligada tanto às mudanças da liga quanto às alterações dos meios de comunicação.

A relevância deste trabalho consiste na necessidade de se abordar o processo de celebrização dos jornalistas esportivos, especialmente os que cobrem a NBA, que se intensificou consideravelmente no século XXI. Apesar desse tópico ser de conhecimento geral para aqueles com algum conhecimento mais aprofundado sobre a organização, são raros os trabalhos de pesquisa realizados sobre o tema e, quando abordado, a discussão nunca é realmente aprofundada o suficiente para entender as nuances específicas da liga.

O trabalho foi executado sob os métodos de pesquisa descritiva, observando-se publicações em redes sociais e analisando materiais e pesquisas prévias, além de pesquisa qualitativa através de entrevistas com jornalistas nacionais e estrangeiros que tiveram ou têm contato direto com o basquete norte-americano. A enorme maioria das fontes de pesquisa, como livros e jornais antigos, além das entrevistas conduzidas

com repórteres estadunidenses, teve o inglês como idioma exclusivo, obrigando a tradução e decupagem de todos os resultados.

Este trabalho também integra um projeto de pesquisa, desenvolvido na PUC Goiás, que trata de mudanças estruturais das práticas jornalísticas, diante dos impactos causados pelas novas tecnologias nas rotinas de apuração, elaboração e difusão de conteúdos informacionais, coordenado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, dentro da Linha de Pesquisa de Comunicação, Produção de Sentidos e Representações Sociais.

2. AS TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO

2.1 As teorias do jornalismo em adaptação

Para abordar as transformações no jornalismo, este primeiro subcapítulo tratará das teorias que mais aparentam terem sido alteradas para se adaptar à realidade da cobertura da imprensa na NBA. Assim, serão traçados detalhamentos sobre os valores-notícias e o *gatekeeper* no século XXI, em que a internet permite diversas novas formas de produção e publicação, trazendo diferentes consequências abordadas futuramente neste trabalho.

Um dos principais temas nas discussões sobre teorias da comunicação é o conceito de valores-notícia, já que tudo que é publicado é publicado por um motivo. Wolf (1999) explica que:

Definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (*news values*) como uma componente da noticiabilidade. Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias? (WOLF, 1999, p. 195)

Assim, entende-se que os valores-notícia integram critérios para a seleção de notícias para suas publicações, que são categorizadas como mais ou menos relevantes. São os critérios de noticiabilidade, que estabelecem parâmetros que dialogam com algumas especificidades, como o interesse público, a raridade do evento, a quantidade de pessoas que determinado acontecimento pode alcançar ou os possíveis desdobramento de determinado fato social, entre outras variáveis. Esse é um processo de separação que tende a acontecer de forma intuitiva para todos os participantes da indústria noticiosa a partir de determinado momento, variando, claro, a depender do tema em que tenham mais conhecimento. Gans (1979, p. 82, apud WOLF, 1999, p. 198) disserta sobre isso, afirmando que os critérios decididos não devem ser complexos para que o reconhecimento do que é relevante e o que não é seja feito com maior facilidade.

A selecção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente [...]. Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada

reflexão. Para além disso, a simplicidade do raciocínio ajuda os jornalistas a evitarem incertezas excessivas quanto ao facto de terem ou não efectuado a escolha apropriada. Por outro lado, os critérios devem ser flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; além disso, devem ser relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis. (GANS, 1979, p. 82, apud WOLF, 1999, p. 198)

Com essa noção básica sobre a necessidade de separar o que é válido de ser noticiado e o que não é, entra aqui em questão a teoria do *gatekeeper* no jornalismo esportivo, com enfoque principal na NBA. Em seu clássico estudo sobre a seleção de notícias, White (1950/1993:145, apud TRAQUINA, 2020) interpreta que a decisão do jornalista sobre o que deve virar notícia é um processo extremamente subjetivo e alguns temas podem ser menos escolhidos em comparação a outras devido à escolha pessoal de edição.

É somente quando analisamos as razões apresentadas por “Mr. Gate” para a rejeição de quase nove décimos das notícias (na sua procura do décimo para o qual tem espaço) que começamos a compreender como a comunicação de ‘notícias’ é extremamente subjetiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do *gatekeeper*. Neste caso particular, os 56 enunciados apresentados podem ser divididos em duas categorias principais: 1) rejeição do incidente devido à sua pouca importância, e 2) seleção a partir de muitos relatos do mesmo acontecimento. (WHITE, 1950/1993:145, apud TRAQUINA, 2020, p. 115)

Essa ideia, que dá base para as chamadas “teorias da ação pessoal”, foi contestada por estudos posteriores que argumentam a favor de uma influência maior da linha editorial e da organização da empresa jornalística (pertencentes mais ao campo das teorias organizacionais na Comunicação), mas, no jornalismo da NBA no século XXI, a observação de White (1950/1993:145 apud TRAQUINA 2020) tem grande evidência empírica. Devido ao fato de existirem diversas formas de divulgação de informações – o canal de esportes ESPN, por exemplo, conta com televisão, sites e redes sociais da empresa e dos repórteres –, há não apenas a possibilidade, mas a necessidade de que tudo seja divulgado de alguma forma. Assim, o jornalista e os editores precisam ter conhecimentos prévios sobre a liga para entender quais notícias serão mais relevantes para os torcedores, colaborando com a ideia de um *gatekeeper* com valores e opiniões de certa forma subjetivas.

Um exemplo dessa prática foi observado na madrugada de 25 de março de 2021, quando o jornalista Adrian Wojnarowski, uma das principais referências na cobertura da liga de basquete dos EUA, interrompeu sua fala no programa SportsCenter, atração tradicional da grade de programação da ESPN, para publicar no Twitter a informação de que uma troca entre os times do Detroit Pistons e Sacramento Kings havia sido negociada.

Figura 1 – Tweet de Adrian Wojnarowski



Foto: reprodução/Twitter

Após a publicação do post, ele não comentou sobre a troca imediatamente em seguida na televisão, seguindo com seu raciocínio anterior sobre as possibilidades de negócios com o Toronto Raptors – campeão na temporada anterior e que poderia perder um de seus principais jogadores. A notícia chegou a ser desenvolvida em matéria no site do veículo, apenas repetindo as informações publicadas no Twitter e adicionando algumas estatísticas sobre os atletas envolvidos. Essa foi uma experiência ao vivo que demonstrou a consciência subjetiva do jornalista em dar foco no que era mais “relevante” para seu público.

Figura 2 – Matéria sobre a troca no site da ESPN

Detroit Pistons sending Delon Wright to Sacramento Kings for Cory Joseph, picks



Foto: reprodução/ESPN.com

Uma situação relacionada a essa é citada por Royce Young, ex-jornalista da ESPN, que fala sobre a consciência não só da relevância geral da notícia, mas da necessidade de que ela seja distribuída rapidamente. Ao contrário dos jornais impressos (em entrevista exclusiva, o jornalista Sam Smith descreveu que “se eu descobrisse alguma informação às 13h, eu não tinha que escrever sobre ela até 22h ou 23h para o jornal do dia seguinte”¹), na internet é preciso que as informações cheguem até o leitor o mais rápido possível, e o repórter pode adaptar sua produção para que a matéria esteja pronta assim que as informações forem confirmadas. Assim, as notícias que o jornalista julga importantes estarão no ar ainda mais rapidamente.

Se você recebe migalhas sobre algum negócio que pode estar acontecendo, em vez de reportar esses rumores... vamos usar a troca do Westbrook para os Rockets, em que eu estava no meio recebendo e ouvindo informações: o que fiz foi deixar a matéria escrita, deixando

¹ Tradução do autor.

espaços para preencher os detalhes da troca. Meu editor tinha a história salva lá e, quando a troca aconteceu, só foi necessário publicar. Temos usado essa estratégia de escrever previamente grandes matérias e colocar os detalhes depois. (Royce Young, entrevista ao autor)²

Assim, ficam claras as transformações no método de produção noticiosa no século XXI e como elas são adaptações das clássicas teorias do jornalismo. As novas possibilidades de publicação e distribuição de informações criadas pela internet fazem com que o papel de *gatekeeper* esportivo seja, simultaneamente, mais e menos necessário: o repórter precisa ter conhecimento sobre o tema para entender quais assuntos têm mais relevância para o público e dar mais enfoque a eles, mas outras informações não precisam ser excluídas totalmente, já que podem ser publicadas como notas em sites ou simples posts no Twitter.

É uma mudança de rotinas produtivas, de lógicas do *newsmaking*. Cada tecnologia impõe um ritmo de geração de conteúdo, uma periodicidade, que é uma das características fundamentais do jornalismo enquanto atividade profissional, conforme demonstra Otto Groth (2011). Esse aspecto é de suma importância até mesmo para a criação de vínculos entre quem produz a notícia e quem a consome. Jornalismo também é hábito e só pode prosperar se houver um contrato de confiança entre as partes envolvidas. Quando uma nova tecnologia surge, todo esse arcabouço produtivo sofre transformações. Foi assim com a própria invenção da imprensa, com a chegada do telégrafo, da fotografia, do rádio, da TV. Não seria diferente com a internet. A atual revolução, porém, é mais drástica, pois afeta modelos de negócio e imagens públicas de empresas e profissionais.

Essa mutação no jornalismo, como bem define Thaís Mendonça Jorge (2013), se estabelece diante de novas fronteiras e horizontes inéditos de produção e divulgação de conteúdos noticiosos. É o que tem sido chamado de “jornalismo pós-industrial”, já que não se faz mais necessário que existam grandes estruturas físicas para que a notícia chegue ao público. Isso faz com que o fluxo de informações seja muito mais rápido e dinâmico. As ferramentas disponíveis são de fácil manejo, as vias de difusão estão à disposição de quase todos e até mesmo a imagem do profissional da Comunicação passa por readequações. Essa realidade cria uma série de fenômenos, como os que estamos debatendo aqui. O *newsmaking* – que nada mais é do que o conjunto

² Tradução do autor.

de práticas e valores movidos para a construção do discurso noticioso – ganha novas concepções. O “fazer notícia” não é e nunca mais será o mesmo.

2.2. A produção de conteúdo jornalístico democratizada

Além das transformações no *newsmaking*, o jornalismo contemporâneo também passa por mudanças significativas em relação a outra teoria. Dessa forma, torna-se fundamental traçar um detalhamento sobre as novidades no processo de agendamento ou *agenda-setting*, definido inicialmente por McCombs e Shaw (1972) e ressignificado no mundo moderno.

No artigo “The agenda-setting function of mass media”, os autores realizam uma pesquisa sobre a relação entre a proeminência de determinados assuntos no noticiário de Chapel Hill, Carolina do Norte, nos Estados Unidos, e a opinião do público sobre os temas mais importantes a serem debatidos nas eleições. Apesar que cada veículo tem sua própria linha editorial e se posicione diferentemente de outros, o processo de agendamento acontecia de forma composta na sociedade, como um agregado de todas as partes.

Em suma, o mundo político é reproduzido de maneira imperfeita por veículos de notícias individuais. No entanto, a evidência neste estudo de que os eleitores tendem a compartilhar a definição *composta* da mídia sobre o que é importante sugere fortemente uma função de *agenda-setting* da mídia de massa. (McCOMBS e SHAW, 1972, p. 9)³

Essas ideias podem – e precisam – ser transportadas para o modo de produção jornalístico do século XXI. Apesar de a ideia base ainda ser observável e presente na cultura midiática, há dois pontos interligados que devem ser analisados: o crescimento da quantidade de veiculadores (não necessariamente veículos, no sentido tradicional) de informação, também mais fáceis de se encontrar, e o crescimento da participação pública nos debates, seja com informações novas ou com influência na relevância do tema.

Em relação ao maior número de fontes de informação, os autores Anderson, Bell e Shirky (2013) argumentam sobre uma inevitável democratização de escolha a partir dos consumidores de notícia. Principalmente devido à facilidade de acesso a milhões de páginas virtuais diferentes, torna-se impossível manter um cidadão preso

³ Tradução do autor.

somente a determinadas organizações de imprensa – esse processo, assim, afeta a agenda de temas públicos a partir da mídia tradicional: as pessoas não sofrem mais tanta influência de poucos veículos como antes, quando impresso, rádio e televisão tinham suas limitações de distribuição e poucas empresas dominavam os meios.

A decadência da função de *agenda-setting* tradicional da imprensa continuará, e com ela a ideia do “público” como uma massa grande e interconectada de cidadãos consumidores de notícias. A possibilidade de escolha de veículos de mídia disponíveis continuará a expandir, liderando não tanto a câmaras de eco, mas a um mundo de muitos públicos sobrepostos de tamanhos variados. (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013, p. 108)⁴

Vale também destacar que os autores também comentam sobre a diminuição da confiança do público em relação aos veículos tradicionais. Para eles, muito dessa situação se explica simplesmente pelo aumento da quantidade de produção noticiosa, que fragmenta o cenário da imprensa, e não tanto por verdadeiras mudanças de opinião dos cidadãos: “Provavelmente é hora de aposentar a ideia de que existe algo chamado ‘a imprensa’ que tem uma reputação entre um grupo chamado ‘o público’” (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013, p. 108).

O outro ponto desse debate consiste na gradual transformação do “público” de somente receptores para também produtores de informação. Targino (2009) interpreta o jornalismo cidadão (chamado também de *open source journalism*) como “propenso/aberto a quaisquer indivíduos e grupos sociais para que externem opiniões sobre quaisquer temas” (p. 58) – efeito esse potencializado pelo alcance público das redes sociais. Assim, é possível observar claramente uma das mudanças mais significativas na produção de conteúdo noticioso no século XXI:

A onipresença das tecnologias de informação e comunicação, que não são mais monopolizadas por organizações profissionais centralizadas industrialmente. À medida que mais pessoas ganharam acesso às tecnologias de mídia, a capacidade de coletar informações, definir agendas e responsabilizar os poderosos foi ampliada. (BLUMLER, COLEMAN, GUREVITCH, 2009, p. 15)⁵

Mesmo que os dois pontos abordados tenham algumas diferenças entre si, ambos fazem parte da realidade do jornalismo moderno e se relacionam de forma direta

⁴ Tradução do autor.

⁵ Tradução do autor.

ao transformar significativamente o trabalho da imprensa. Esse fenômeno é extremamente claro no contexto do livro-reportagem, analisando a prática jornalística no Twitter. Primeiramente, é notável que os fãs têm liberdade de seguir quaisquer repórteres que se interessarem, principalmente aqueles que cobrem seus times, e tendem a reclamar e dar menos audiência para eles caso não produzam conteúdos que os interessem. Royce Young, escritor do Oklahoma City Thunder e ex-jornalista da ESPN, explica, lembrando episódios de 2019 quando foi chamado de “traidor” por escrever matérias sobre outras equipes após o Thunder ser eliminado:

Com o tempo, as pessoas se acostumaram comigo escrevendo sobre outros times, mas, no começo, era: “espera... traidor! O que está fazendo? Você nos traiu!” Acho que muitas pessoas entenderam que esse é nosso trabalho, mas a maioria dos meus seguidores ainda são torcedores do Thunder, fãs do Westbrook, e percebo que minhas matérias não relacionadas a esses temas não vão tão bem em curtidas e compartilhamentos – por exemplo, matérias sobre Damian Lillard. (Royce Young, entrevista ao autor)⁶

Além disso, a quantidade de conteúdo criado por fãs de basquete com viés jornalístico é enorme. Além de análises feitas por diversos perfis dedicados a jogadores específicos, há portais que cobrem toda a liga, reproduzindo as principais notícias diariamente e atualizando milhares de seguidores – algumas contas, como o Camisa 23 (@camisa_23), ultrapassa a faixa de 200 mil seguidores somando Twitter e Instagram –, e, incrivelmente, algumas chegam a dar notícias de primeira mão, como o Camisas da NBA (@camisasdanba), que é conhecido internacionalmente por vaziar uniformes antes de suas oficializações.

Dessa forma, pode-se observar que o fluxo da informação não é mais puramente jornalistas para cidadão. Além de as pessoas terem o poder de escolher de quem desejam receber informações, elas também invertem a agenda de McCombs e Shaw (1972), podendo ser as principais “formadoras de opiniões” para outras pessoas e influenciar diretamente no que é reportado na mídia tradicional. O *agenda-setting* moderno é muito mais complexo do que na década de 1980, e a internet é a principal responsável por essa transformação.

No entanto, vale notar que os jornalistas também podem ser beneficiados nesse contexto de mudanças, principalmente em relação à facilidade de conseguir

⁶ Tradução do autor.

trabalhar na “indústria” noticiosa. Alguns casos foram citados nas entrevistas exclusivas para o livro-reportagem, especificamente os de Royce Young e Alex Kennedy. Young foi o criador do Daily Thunder, blog sobre o Oklahoma City Thunder formado em 2008, e a partir de então conseguiu desenvolver seu caminho no jornalismo, aliando a democratização da internet com conteúdos práticos jornalísticos:

Comecei um blog sobre o Thunder, quando o time saiu de Seattle para Oklahoma City – ainda era estudante de jornalismo, mas estava fazendo o blog como um hobby. Eu estava prestes a graduar na faculdade, não sabia direito o que queria fazer, então pensei em começar a escrever sobre o novo time que chegou na cidade onde eu morava. Assim, comecei a desenvolver uma paixão, encontrei minha escrita em certo nível. Eu fazia o Daily Thunder, que era afiliada à ESPN, mas eu era o dono e fazia de graça. O primeiro emprego que consegui foi quando a CBSsports.com me contratou para escrever sobre a NBA inteira. Fiz isso por dois anos e, quando o Thunder ganhou relevância nacional, com Durant, Westbrook, chegando às finais da NBA, a ESPN decidiu que queria cobrir o time localmente e me contrataram em 2014. Foi uma combinação de boa sorte com o poder estrelar dos jogadores e a vontade da ESPN de cobrir o time. (Royce Young, entrevista ao autor)⁷

Alex Kennedy, do BasketballNews.com, por sua vez, mostra como a relação entre repórter e fontes também foi transformada na era das redes sociais. Em um mundo onde todos são mais acessíveis, em graus maiores ou menores, jornalistas são beneficiados com uma facilidade maior para conseguir contatos e conversar com diversas pessoas ligadas a um tema. A famosa “agenda de contatos” se expande ainda mais no século XXI, como explica:

Muitas das minhas relações com fontes começaram por lá, anos atrás, quando eu seguia jogadores, eles me seguiam de volta, conversávamos pela DM, trocávamos número de telefones e depois nos encontrávamos pessoalmente. Quando entrei no Twitter, pensava que era uma grande forma de networking, era minha visão inicial. (Alex Kennedy, entrevista ao autor)⁸

Assim, as interpretações bibliográficas e evidências empíricas demonstram como o jornalismo se tornou mais “democrático” através das mudanças no fenômeno do agendamento e na maior abertura da prática jornalística ao público comum. Não

⁷ Tradução do autor.

⁸ Tradução do autor.

apenas torcedores comuns participam intensamente das discussões, mas eles também podem começar um trabalho de jornalismo com menos dificuldade e obstáculos que na era pré-internet.

2.3 A fama e transformações dos meios de comunicação

Um aspecto importante no jornalismo moderno é a elevação dos profissionais de imprensa a um nível de individualização histórico, aproximando-os à ideia social de celebridade, conhecida, reconhecida e digna de fãs. Aqui, há também dois pontos necessários para compreender o fenômeno com os contextos sociais necessários, que envolvem tanto a visão sociológica como a análise da influência dos meios de comunicação.

Em sua obra “Cultura de massas no século XX: neurose”, Morin (2002) discute as transformações sociais que levaram à uma maior individualização da vida humana e observa as idealizações midiáticas que constroem, segundo ele, uma mitologia moderna. No texto que introduz a segunda parte do livro, resume o objetivo da introdução de figuras privadas como modelos:

Assim, a modificação das condições de vida sob o efeito das técnicas, a elevação das possibilidades de consumo, a promoção da vida privada corresponde a um novo grau de individualização da existência humana. A cultura de massa se constitui em função das necessidades individuais que emergem. Ela vai fornecer à vida privada as imagens e os modelos que dão forma a suas aspirações. [...] Mas sobre um outro plano, as imagens se aproximam do real, ideais tornam-se modelos, que incitam a uma certa práxis. (MORIN, 2002. p. 89-90)

Apesar de haver um enfoque maior – que claramente segue a tendência social – em celebridades do cinema e televisão, dos esportes ou do mundo da moda, o capítulo nomeado como Os Olímpianos traz um detalhe importante para compreender o debate sobre “celebridade”, que se transformou ainda mais nas últimas décadas:

O olimpismo de uns nasce no imaginário, isto é, de papéis encarnados nos filmes (Astros), o de outros nasce de sua função sagrada (realeza, presidência), de seus trabalhos heroicos (campeões exploradores) ou eróticos (*playboys, distels*). (MORIN, 2002. p. 105).

Considerando o grau de fama que jornalistas como Shams Charania e Adrian Wojnarowski têm na “bolha” do basquete estadunidense, é possível adotar a terminologia de Morin para se referir também a eles: além dos atletas, que têm a posição de destaque há mais tempo e foram elevados por estratégias de marketing da NBA a partir da década de 1980, os principais repórteres da liga podem ser considerados Olímpianos, já que representam modelos de sua área e são seguidos por milhões de pessoas, mesmo que eles não exponham muito suas vidas pessoais como outros tipos de celebridades.

Surge assim uma sociedade extremamente espetacularizada, em que não apenas muitas pessoas estão em evidência, mas muitas tentam atingir um *status* de evidência. Isso, sem dúvidas, também foi transportado progressivamente para a indústria do jornalismo, transformando completamente as relações entre profissional e empresa à medida que os meios de produção evoluíram na ordem clássica de impresso até internet. Esse fator, ao longo da individualização da vida que é tendência desde 1930 (MORIN, 2002, p. 89), contribuiu para aquele que é um dos tópicos mais relevantes abordados no livro-reportagem produzido neste trabalho de conclusão de curso.

A NBA demorou décadas para se tornar uma liga que interessasse boa parte do público estadunidense e, como consequência, só começou a ter verdadeira atenção nacional a partir das décadas de 1970 e 1980. Até então, a televisão tinha pouquíssima dedicação na cobertura diária das equipes do torneio, levando às suas audiências um foco principal nas transmissões de partida – ao vivo e em VT. Por isso, jornais foram a principal forma de transmissão de informações sobre basquete norte-americano por muitos anos. Como relembra Bob Ryan, ex-setorista do Boston Celtics pelo The Boston Globe, em entrevista ao autor, “os jornais impressos eram número um nas coberturas de esportes americanos. Nós, o The Boston Globe, éramos de longe o jornal mais importante de New England; não a TV local”.

Devido às características intrínsecas ao impresso, os repórteres cuja atuação é exclusiva na escrita têm pouquíssima exibição da própria imagem para o público, dificultando a criação de uma fama verdadeira ao redor de sua pessoa. Enquanto os nomes podem ser conhecidos pelos leitores, não há a quantidade necessária de informações para que eles sejam lançados pela cultura de massa, como afirma Morin (2002).

Uma diferença extremamente relevante no jornalismo esportivo se deu quando a ESPN foi ao ar nos Estados Unidos, em 1979. Com a ideia de tratar sobre esportes o dia inteiro na televisão, repórteres se tornaram “a cara” do mundo esportivo, avançando em relação aos meios anteriores: no jornal, seu nome e talvez uma pequena foto eram o máximo de informação pessoal que o leitor recebia; no rádio, sua voz e seu nome. Apesar de emissoras como a CBS terem equipes dedicadas à transmissão de partidas em vídeo, a ESPN foi a grande responsável pela popularização do fenômeno do basquete na TV, ajudando a construir o processo de celebração através da cultura de massa, com um alcance gigantesco.

Quer saber o poder da televisão? Eu poderia estar em Bellingham, Washington ou em Coral Gables, na Flórida; em Caribou, Maine, ou em Chula Vista, na Califórnia; em Cody, Wyoming ou Valdosta, na Geórgia, e provavelmente eu seria reconhecido na rua. Certamente não é porque as pessoas me conhecem como alguém que passou 46 anos escrevendo pelo *The Boston Globe*. A razão pela qual eu sou reconhecido em aproximadamente 350 de 365 dias em qualquer ano é porque tive sorte o suficiente de estar em rede nacional por boa parte dos últimos 25 anos. Mesmo antes de começar a fazer programas na ESPN, no entanto, aprendi sobre o impacto da televisão. Não importa se é horário nobre ou não; alguém está assistindo, mesmo que seja duas da manhã. (RYAN, 2014, p. 110-111).

No entanto, o mais alto grau de personificação do jornalismo se deu com a popularização da internet. Enquanto os profissionais de imprensa em jornais impressos, televisão ou rádio eram basicamente presos aos seus veículos para se comunicar, não podendo atingir seu público em uma base diária (e as únicas exceções sendo a criação de seus próprios programas nos meios de comunicação ou publicação de livro), a introdução das redes sociais modificou toda essa dinâmica. Os jornalistas têm suas próprias plataformas, onde publicam o que quiserem – claro, ainda com a necessidade de seguir códigos de ética e orientações de empresas – para seus seguidores.

Essa diferenciação é fundamental no jornalismo contemporâneo e é o ápice da “vida de celebridades” da profissão devido à mescla de informalidade e formalidade permitida *online*. A presença nas redes sociais facilita uma conexão com seus seguidores que seria difícil ou impossível anteriormente por diversos motivos, aproximando-os como pessoas e possibilitando trocas de mensagens sobre temas diversos, como séries e músicas. Há uma personificação que no começo era inimaginável, tornou-se razoável com a televisão e chegou ao seu pico no século XXI.

O outro ponto tem maiores consequências para a indústria jornalística, se é que ainda há uma, como discutem Anderson, Bell e Shirky (2013). A necessidade de publicar informações o mais rápido possível inicia uma corrida pelo “furo”, por ser o primeiro a dar as notícias. Principalmente na NBA, existe uma evidência muito grande da disputa pela publicação, levando torcedores até a conferirem o horário de publicação de tweets de jornalistas como Adrian Wojnarowski e Shams Charania. A ideia é que quem for o primeiro é o “melhor”.

A questão do Twitter é que ele virou o placar, se isso faz sentido. Para pessoas como Woj, Shams, Adam Schefter na NFL, Jeff Passan no beisebol, virou um placar: se você conseguir postar antes, às 20h31, e seu competidor postar às 20h32, você foi o primeiro. Woj poderia ter a notícia primeiro, mas ele pode ter decidido falar sobre isso ao vivo no SportsCenter, só que é tarde demais! Shams já tweetou! Agora você precisa soltar a notícia no Twitter, porque se você postou antes lá, você foi o primeiro. (Royce Young, entrevista ao autor)⁹

Assim, surgem alguns dilemas produtivos e éticos. Primeiramente, a busca pelos furos pode atrapalhar a execução de etapas fundamentais na prática noticiosa, como a apuração e confirmação com fontes, que podem demorar dependendo da informação. Além disso, Josh Robbins adverte sobre a busca de atenção e engajamento que pode prejudicar a própria carreira do repórter através de uma tentativa de espetacularização desnecessária e forçada.

É um caminho perigoso para se seguir apenas se algumas coisas acontecerem: falta de aplicação de ética do jornalismo é um problema, outro é quando jornalistas se tornam mais notícia que seu trabalho. Aquela frase ‘não vire a história’ é correta, porque há uma tendência das pessoas nas redes sociais em mostrar muito de sua personalidade e isso toma lugar das notícias. Shams Charania e [Adrian] Wojnarowski não fazem isso e são famosos por seus trabalhos, parabéns para eles por isso, mas há pessoas que veem o Twitter como um lugar para fazer piadas e até ganham mais seguidores com isso, mas, na análise final, estão prestando um desserviço para si e para o jornalismo. (Josh Robbins, entrevista ao autor)¹⁰

Um fenômeno que tem sido cada vez mais observável é a significativa separação entre jornalista e veículo, ao mesmo tempo causa e consequência do processo de individualização. Anderson, Bell e Shirky (2013, p. 42) explicam que “a próxima

⁹ Tradução do autor.

¹⁰ Tradução do autor.

fase do desenvolvimento [do jornalismo] verá explosões semelhantes de brilho individual e empresa em áreas emergentes, talvez de visualizações, de criação, compartilhamento e agregação de dados”¹¹, e esse novo investimento em áreas de criação é extremamente observado nas coberturas da NBA nas redes sociais, especialmente no Twitter.

Desde que Adrian Wojnarowski, da ESPN, revelou diversas escolhas do Draft da NBA em 2011, as atenções para grandes repórteres só aumentaram. O fato de que, nas plataformas sociais, as notícias têm sido cada vez mais publicadas em primeira mão nos perfis dos jornalistas e em seguida nos dos veículos ajuda a criar uma associação forte dos seguidores com as suas fontes de informação. Assim, é possível surgir um efeito semelhante aos de torcedores com seus times, em que as pessoas escolhem seus repórteres favoritos e estão dispostas até a defendê-los *online*. Os fãs não precisam mais de veículos – e seu interesse por eles tende a cair consideravelmente devido à falta de representação humana individual –, precisando apenas de alguns poucos perfis de repórteres para se sentirem contemplados.

Isso é algo interessante que tem acontecido nos últimos cinco, dez anos. Woj [Adrian Wojnarowski, jornalista], por exemplo, estava no Yahoo, construiu uma base inacreditável lá e foi para a ESPN; se ele deixar a ESPN amanhã e criar o Woj.com, teria milhões de pessoas o seguindo porque ele fez um grande trabalho e tem uma base gigante. As pessoas são menos dependentes das grandes organizações hoje do que eram há 15, 20 anos, quando todos estavam atrás do que a The Star Tribune havia publicado, por exemplo. (Jon Krawczynski, entrevista ao autor)¹²

É interessante notar também que os próprios jogadores, temas das notícias e matérias produzidas pelos repórteres, passaram por transformações semelhantes e isso é abordado no livro-reportagem *A Liga das Celebidades: as transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA*. Eles foram ficando cada vez mais famosos à medida que a liga fazia propaganda para promover mais seus atletas e menos as organizações, por exemplo. Além disso, ficaram mais inacessíveis ao público por um bom tempo devido a seus *status*, como narra o jornalista Sam Smith em entrevista exclusiva ao autor, algo que só veio a mudar em partes devido à presença dos atletas nas redes sociais.

¹¹ Tradução do autor.

¹² Tradução do autor.

No fundo, todas essas transformações num processo de “celebrização” da vida e, especialmente aqui, dos jornalistas, faz parte de uma evolução global no mundo moderno e que afeta todas as esferas sociais. Se antes o espetáculo se reduzia apenas a setores mais públicos, como políticos, atores e atletas, esse fenômeno deve se intensificar ainda mais com o avanço da internet e a dependência dela para basicamente toda forma de interação social necessária ou optativa.

Entendido em sua totalidade, o espetáculo é tanto resultado como objetivo do modo de produção dominante. É o próprio cerne da irrealidade desta sociedade real. Em todas as suas manifestações particulares – notícias, propagandas, anúncios, entretenimentos –, o espetáculo representa o modelo dominante de vida. É a afirmação onipresente das escolhas que já foram feitas na esfera da produção e no consumo que ela implica. [...] A sociedade baseada na indústria moderna não é acidentalmente ou superficialmente espetacular, é fundamentalmente espetacularizada. (DEBORD, 2002, p. 7-8)¹³

Foi possível compreender como o jornalismo foi transformado nas últimas décadas em diversos fatores, desde a relação entre profissional e empresa até os desafios éticos e práticos causados pela busca de atenção nas redes sociais. Essas mudanças estavam fadadas a acontecer, assim como em diversas outras áreas sociais, mas elas representam um novo paradigma da comunicação social que tem a cobertura da NBA como grande caso de estudo.

2.4 O livro-reportagem

O resultado deste trabalho é o livro-reportagem *A Liga das Celebridades: as transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA* e, por isso, surge a necessidade de desenvolver a base teórica desse produto. Há diversos aspectos possíveis de serem abordados aqui e que podem ser observados com facilidade no resultado final do Trabalho de Conclusão de Curso.

Em busca de construir um conceito de livro-reportagem, Lima (2009) estabelece desde o começo de sua obra que ele “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abrangendo uma variedade temática expressiva” (p. 1). Isso é a base para a compreensão

¹³ Tradução do autor.

do produto jornalístico, que tem por características principais suas extensões e detalhes que seriam impossíveis em qualquer outro tipo de produto comum.

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato – no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes – e também sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis –, o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não período que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. (LIMA, 2009, p. 26)

Como analisa Couto (2017), o livro-reportagem “permite ao jornalista entregar-se de forma mais aprofundada à sua pesquisa jornalística [...], além de não circunscrever o espaço para abrigar a reportagem” (p. 95). Em vez de o escritor precisar condensar sua história e decidir o que é mais importante para ser usado, há uma liberdade maior para que cada parte da narrativa seja devidamente abordada, sem preocupações sobre falta de espaço e comprimento extensivo do texto. Além disso, há também diversas outras liberdades intrínsecas à produção do livro-reportagem citadas por Lima (2009, p. 82-87): temática, angulação, fontes, temporal, eixo de abordagem e propósito.

Em relação à liberdade temática, o autor explica que tal forma de produção permite que jornalistas escrevam sobre temas que não despertem necessariamente muita atenção pública e que poderiam não se encaixar em um jornal para audiências mais gerais. Assim, como a obra tende a ser lida por pessoas que mostraram interesse em seu tema, surge uma possibilidade maior de adaptar o eixo de abordagem por diversos motivos, como preferência pessoal do autor e tentativa de ampliar o público-alvo. Isso foi uma característica extremamente presente no livro-reportagem resultante deste trabalho, com diversas histórias sobre a NBA em si (não apenas o jornalismo ao redor dela) que podem interessar os fãs de basquete em geral e adicionar um contexto valioso ao tema geral da pesquisa.

O livro-reportagem não necessita obrigatoriamente girar em torno da factualidade, do acontecimento. Pode vislumbrar um horizonte mais elevado penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõem um terreno das linhas de força que determina os acontecimentos. (LIMA, 2009, p. 85-86)

Há ainda mais uma liberdade que não é necessariamente novidade no mundo do jornalismo, mas que ganha mais força à medida que as interpretações literárias se tornam mais livres: a linguagem específica para um determinado público, um determinado tema. Considerando, por exemplo, que a maior parte dos leitores são fãs de basquete, o uso de termos especializados como “*general manager*” e “Conferências” pode ser feito sem que haja qualquer hesitação e sequer há a necessidade de explicação, dependendo da vontade do autor.

Todo texto é produzido dentro de uma sociedade, fundamentado nela e para ela. Portanto, o contexto em que é produzido o texto jornalístico é essencial para se compreenderem as escolhas textuais que o jornalista faz. (COUTO, 2017, p. 102)

A obra *A Liga das Celebridades: as transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA* aproveita-se dessas liberdades características do livro-reportagem ao apresentar, de forma interligada, as narrativas de desenvolvimento da NBA, da individualização dos jogadores e as transformações do jornalismo. Há grande ampliação sobre temas que são raramente discutidos, ainda que fundamentais para entender os novos paradigmas da prática noticiosa, especialmente no mundo esportivo, mas também adicionando temas de interesse para que os fãs de basquete em geral também tenham algo com que possam se relacionar mais facilmente.

3 PRODUTO

3.1 Características

A obra “A Liga das Celebidades: as transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA” é um livro-reportagem sobre a NBA e sua cobertura jornalística dividido em duas partes: na primeira, é feita uma reconstrução do processo que transformou a liga em sucesso mundial e seus jogadores em celebridades; após isso, foi realizada uma análise sobre as mudanças que a imprensa esportiva ligada à organização sofreu com o passar das décadas, consequentes de uma união dos pontos debatidos na primeira parte às transformações naturais do mundo do jornalismo.

Para que o trabalho fosse possível, foi necessário buscar diversas fontes de informação: livros de histórias sobre a liga, com bastidores de épocas antigas; arquivos de reportagens de jornais impressos do século XX, como The Boston Globe e Los Angeles Times, disponíveis no site Newspapers.com, e The New York Times; arquivos online com vídeos de entrevistas de jogadores em situações marcantes de suas carreiras, como Rick Barry e Magic Johnson; e entrevistas semiestruturadas com jornalistas que têm ou já tiveram contato direto com a liga, alguns desde os anos 1980, como Sam Smith e Bob Ryan. A grande maioria dos conteúdos foi obtido em inglês, inclusive as entrevistas exclusivas com repórteres estadunidenses, já que o nível de detalhamento necessário para o trabalho seria impossível de atingir caso a pesquisa fosse apenas em português.

A primeira parte do livro é, claro, uma contextualização das mudanças na liga que interferiram nas transformações da prática jornalística na NBA, mas também uma reconstrução em detalhes de momentos importantíssimos para a história do basquete que nem sempre são tão lembrados pelos torcedores. Os relatos do All-Star Game de 1964, por exemplo, são extremamente interessantes para entender a luta por direitos de atletas profissionais. Dessa forma, a inclusão desses eventos foi também uma decisão racional para atrair não apenas leitores interessados no aspecto jornalístico, mas também fãs de esportes em geral.

Os capítulos presentes na metade inicial são, respectivamente: “All-Star Game de 1964”, que reconstrói a ameaça de greve das estrelas da liga por direitos, um dos primeiros grandes eventos fundamentais para a promoção individual dos jogadores;

“ABA: liga adversária no começo, base para o futuro”, que relembra a história da American Basketball Association, liga criada em 1967 para rivalizar com a NBA e cujo contexto ajudou a elevar a imagem de jogadores como personalidades; “David Stern e a liga dos jogadores”, que faz um resumo da NBA entre o final da década de 1970 até os anos 1990, comentando sobre o processo que transformou os atletas em verdadeiras celebridades, tornando-os “maiores” que seus times; “A era moderna”, que traz momentos na mídia da década de XXI, como o evento The Decision na ESPN (apesar de muitos cogitarem que o anúncio do futuro de LeBron James aconteceria no Twitter) e a adaptação dos jogadores às etiquetas virtuais de comportamento – um bom tópico para transição à metade final do livro.

A segunda parte é um aprofundamento na discussão do jornalismo na NBA, mostrando como tudo mudou significativamente nos últimos 50 anos. Foi construída uma linha do tempo entre os períodos dominados pelo jornal impresso, televisão e internet, respectivamente, para ficar clara a diferença entre cada um dos principais meios de comunicação na cobertura do esporte. Por meio de entrevistas exclusivas com jornalistas estadunidenses, realizadas em inglês, e jornalistas brasileiros, em português, muitas nuances do jornalismo moderno na NBA são debatidas, desde método de produção até comportamento de profissionais da comunicação no Twitter, enfoque principal dessa parte.

A metade final começa com “Como era cobrir a NBA antes das redes sociais?”, capítulo em que é feita uma retrospectiva da cobertura da liga antes da década de 1990 com ajuda de livros e entrevistas exclusivas com os jornalistas Bob Ryan (conhecido pelo trabalho como setorista do Boston Celtics) e Sam Smith (famoso setorista do Chicago Bulls). Assim, inicia-se a narrativa da transformação do jornalismo até o século XXI, fazendo conexões com temas da primeira parte do livro em relação à celebração dos atletas. O capítulo seguinte é “O presente da relação imprensa-NBA”, em que, com entrevistas de diversos repórteres ainda em atuação diária, é debatida a prática jornalística nos novos meios de comunicação e os dilemas morais, éticos e práticos que surgem como consequência. “Uma novidade: criação de conteúdo” encerra a segunda parte, detalhando a democratização da criação de conteúdo graças à internet, abrindo espaço para que torcedores e jornalistas em ascensão criem seu próprio espaço online.

Além do texto corrido, são utilizados alguns outros formatos para adicionar curiosidades e contexto aos temas debatidos em cada seção. Boxes de informação são usados na primeira parte para adicionar pequenos perfis de jogadores e nomes importantes para a liga, facilitando a compreensão do leitor e oferecendo-lhe mais informações sobre o que está lendo. Tabelas foram construídas para reproduzir os resultados dos amistosos de Atlanta Hawks e União Soviética e das partidas dos Estados Unidos nas Olimpíadas de basquete de 1992. Um gráfico foi montado para representar a queda de audiência televisiva nas Finais da NBA no final da década de 1970. Além disso, há também o uso de *prints* de publicações no Twitter. A paleta de cores do produto é composta principalmente pelas cores laranja em seus tons, que fazem referência à bola de basquete. Assim, as páginas de Introdução, Parte 1, Parte 2 e Conclusão têm ilustrações com fundo em laranjas mais claros e mais fortes, e a presença de bolas de basquete, jornais e quadras. A capa do livro é composta por uma bola de basquete e um computador, simbolizando a união abordada entre o jornalismo moderno e o esporte, além dos pássaros do Twitter em azul, rede social essencial para a prática noticiosa no século XXI.

É importante notar que a linguagem do livro-reportagem tem um foco maior no público fã de basquete, necessitando um mínimo conhecimento do esporte e da organização da NBA para que a leitura seja totalmente compreensível. Termos como *general manager*, Conferências e Draft tendem a ser específicos de ligas norte-americanas e, mesmo que contextualizações sejam feitas no decorrer do texto, isso pode prejudicar a interpretação de um leitor que não faça parte do nicho esportivo. Por isso, cabe a observação de que tal obra tem um público-alvo específico e que as escolhas visuais, de escrita e de conteúdo tiveram em mente o tipo de interlocutor interessado em basquete e jornalismo – mesmo que o interesse de algum tópico seja maior que o outro.

3.2 Diário de produção

O primeiro passo da pesquisa, após a definição do tema e do formato do trabalho, foi formular uma lista de possíveis entrevistados que poderiam contribuir para a construção da narrativa. Nessa etapa, foram considerados inicialmente apenas profissionais de imprensa dos Estados Unidos, o que, obviamente, obrigaria que as entrevistas fossem realizadas em inglês. Na lista inicial, 20 repórteres (incluindo aqueles

que cobrem toda a liga e setoristas de uma franquia só) com forte presença nas redes sociais foram escolhidos para serem convidados. Pelas impossibilidades geográficas, as conversas seriam gravadas através dos aplicativos de videoconferência Skype e Zoom, a depender da preferência dos interlocutores.

Os convites para entrevistas foram realizados através das mensagens diretas do Twitter, quando disponíveis para o público geral, ou por e-mail, disponíveis em seus perfis de redes sociais, no Blue Book de imprensa da NBA ou indicados por colegas de veículo. Da lista inicial de 20 possíveis entrevistados, no entanto, não foi possível dialogar com oito deles devido à falta de formas de contato. Assim, os primeiros entrevistados foram repórteres estadunidenses, que concederam a permissão de uso de suas falas para o trabalho verbalmente no início das videoconferências, todas devidamente gravadas.

- Jon Krawczynski, realizada às 9h do dia 12 de abril de 2021, completamente em inglês e pelo aplicativo Skype. O convite foi feito através de e-mail. Setorista do Minnesota Timberwolves pelo The Athletic e seguido por mais de 87 mil pessoas no Twitter, sua entrevista para o livro durou aproximadamente 27 minutos. Ver Anexo I.
- Alex Kennedy, realizada às 16h do dia 15 de abril de 2021, completamente em inglês e pelo aplicativo Skype. O convite foi feito através de mensagens diretas no Twitter. Ex-jornalista do HoopsHype e USA TODAY, diretor de conteúdo do BasketballNews.com e seguido por mais de 175 mil pessoas, sua entrevista durou aproximadamente 31 minutos. Ver Anexo II.
- Josh Robbins, realizada às 21h30 do dia 15 de abril de 2021, completamente em inglês e pelo aplicativo Skype. O convite foi feito através de mensagens diretas no Twitter. Na época, era setorista do Orlando Magic pelo The Athletic (desde 1º de outubro de 2021, cobre o Washington Wizards pelo veículo) e presidente da Professional Basketball Writers Association. Sua entrevista durou aproximadamente 24 minutos. Ver Anexo III.
- Royce Young, realizada às 13h do dia 1º de junho de 2021, completamente em inglês e pelo aplicativo Skype. O convite foi feito por e-mail. Na época, era setorista do Oklahoma City Thunder pela ESPN (desde

setembro de 2021, é escritor no site oficial do Thunder), e conta com mais de 175 mil seguidores no Twitter. Sua entrevista durou aproximadamente 26 minutos. Ver Anexo IV.

- Bob Ryan, realizada às 10h do dia 25 de junho de 2021, completamente em inglês e pelo aplicativo Zoom. O convite foi feito por e-mail. Um dos mais famosos setoristas da história do Boston Celtics, escrevendo para o The Boston Tribune por décadas, sua entrevista durou aproximadamente 33 minutos. Ver Anexo V.
- Sam Smith, realizada às 17h30 do dia 29 de junho de 2021, completamente em inglês e pelo aplicativo Zoom. O convite foi feito por e-mail. Ex-setorista do Chicago Bulls pelo Chicago Tribune, autor do livro *The Jordan Rules: The Inside Story of a Turbulent Season with Michael Jordan and the Chicago Bulls* e escritor no site do time, sua entrevista durou aproximadamente 27 minutos. Ver Anexo VI.

Após algumas as entrevistas já terem sido realizadas, o foco voltou-se à pesquisa sobre a história da liga para poder escrever a primeira parte do livro. Alguns temas já tinham presença garantida, como a era de David Stern como comissário, o Dream Team das Olimpíadas de 1992 e a chegada dos jogadores e das equipes às redes sociais, na primeira década do século XXI. No entanto, com as pesquisas históricas evoluindo, foi decidido que também seriam acrescentados dois temas de grande importância para o desenvolvimento da narrativa: o All-Star Game de 1964, em que os atletas ameaçaram não entrar em quadra, a concorrência da NBA com a ABA, uma liga alternativa de basquete criada em 1967 e que desencadeou a ação de Oscar Robertson contra a fusão das ligas.

A pesquisa sobre a história da liga se baseou muito em livros sobre a organização: *From Hang Time to Prime Time: Business, Entertainment, and the Birth of the Modern-Day NBA*, de Croatto (2020); *Hoop Lore: A History of the National Basketball Association*, de Kirchberg (2007); *Hang Time: My Life in Basketball*, de Baylor (2018); *Money Players: Days and Nights Inside the New NBA*, de Araton, Dardis e Keteyian (1997); *Scribe: My Life In Sports*, de Ryan (2014); e *He Crashed Me So I Crashed Him Back: The True Story of the Year the King, Jaws, Earnhardt, and the Rest of NASCAR's Feudin', Fightin' Good Ol' Boys Put Stock Car Racing on the Map*, de Bechtel (2010),

que relatam episódios variados e foram citados direta ou indiretamente no livro-reportagem. Essas obras continham entrevistas exclusivas, citações diretas, indiretas e opiniões, fornecendo um amplo arsenal de informações e visões para a complementação do trabalho.

Além disso, uma parte essencial do trabalho foi a pesquisa em arquivos de jornais estadunidenses em publicações entre as décadas de 1960 e 2000, disponibilizados pelo site Newspapers.com e nos arquivos oficiais do jornal The New York Times e a revista Sports Illustrated. Para encontrar bons resultados para eventos específicos, foi adotado um critério de dois dias antes e dois dias depois da data para a pesquisa: o All-Star Game de 1964 aconteceu em 14 de janeiro, então buscava-se jornais publicados entre 12 de janeiro e 16 de janeiro. Muitos fatos complementares às informações dadas no livro-reportagem foram encontrados durante essa etapa, adicionando desde pequenas curiosidades a detalhes importantes na narrativa, como os salários dos atletas Oscar Robertson, Zelmo Beaty e Dave DeBusschere.

Com a maior parte da primeira parte do livro já escrita e o esboço da segunda parte esquematizado, foi decidido que entrevistar profissionais brasileiros poderia acrescentar novas visões para as observações do livro e trazer riqueza de detalhes, além de valorizar a imprensa nacional. Assim, foram entrevistados dois jornalistas que se mostraram extremamente acessíveis pelo Instagram, respondendo rapidamente às mensagens, e também o ex-jogador Rolando Ferreira, primeiro brasileiro a atuar na NBA – no entanto, apesar dos detalhes sobre a organização da liga, nenhum trecho de sua entrevista acabou sendo aproveitado no livro.

- Ricardo Bulgarelli, realizada às 17h do dia 20 de agosto de 2021, em português e pelo aplicativo Zoom. O convite foi feito por mensagens diretas no Instagram. Comentarista esportivo especializado em basquete e jornalista da ESPN, sua entrevista durou aproximadamente 1h16. Ver Anexo VII.
- Rolando Ferreira, realizada às 19h30 do dia 25 de agosto de 2021, em português e pelo aplicativo Zoom. O convite foi feito por mensagens diretas no Facebook. Primeiro jogador brasileiro a atuar na NBA, sua entrevista durou aproximadamente 25 minutos. Ver Anexo VIII.

- José Renato Ambrósio, realizada às 20h30 do dia 14 de setembro de 2021, em português e pelo aplicativo Zoom. O convite foi feito por mensagens diretas no Instagram. Jornalista esportivo da Globo e do SporTV, anteriormente repórter da ESPN, sua entrevista durou aproximadamente 33 minutos. Ver Anexo IX.

Com todas as entrevistas, pesquisas em livros e jornais antigos finalizadas, a escrita do livro-reportagem também foi concluída. A obra foi enviada para diagramação em versão e-book e criação de ilustrações, ambas as partes realizadas por Ana Amélia Ribeiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro-reportagem *A Liga das Celebidades: as transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA* é um trabalho de observação e estudo do novo paradigma da comunicação que faz um aprofundamento inédito no jornalismo que cobre a liga de basquete estadunidense. As diversas nuances do processo de mudança da indústria noticiosa no esporte são abordadas em detalhes, reconstruindo a época do jornal impresso como principal fonte de informação sobre a liga até a era atual, em que a internet domina todos os setores sociais.

Primeiramente, é interessantíssimo notar como a prática do jornalismo esportivo na NBA mudou nas últimas décadas. As novas possibilidades de publicação online alteraram a percepção sobre o processo de *gatekeeping*, já que os profissionais de imprensa não precisam escolher entre notícias para serem veiculadas: como o espaço é virtualmente infinito, pode-se publicar tudo que for notícia, independentemente de sua relevância para o público geral, e apenas dar menos ou mais destaque a determinado conteúdo quando necessário. A troca de um jogador que pouco atua e é desconhecido pela maioria dos fãs de basquete pode ser divulgada apenas com um simples tweet, enquanto a troca de time de uma estrela do esporte pode receber uma série de tweets, textos com detalhes e contextos, matérias na televisão e mais.

Outra transformação significativa proporcionada pela internet é a democratização da criação de conteúdo. Aspirantes a jornalistas (como jovens estudantes, ou até jornalistas fora de veículos) e fãs de basquete em geral podem se comunicar com diversas outras pessoas, levar seus pontos de vista e apurar informações para publicá-las online, em blogs ou em redes sociais. Isso pode até ser entendido como uma inversão da teoria do agendamento, já que pessoas fora da mídia tradicional têm a possibilidade de pautar a discussão pública, característica que antes era basicamente exclusivo de jornalistas e veículos.

Um dos pontos mais relevantes dessas transformações é a celebração dos repórteres. Devido à maior liberdade que a internet proporcionou para profissionais de imprensa, explicada também pela maior velocidade de veiculação de notícias, os jornalistas começaram a se “descolar” dos veículos em que trabalham. Quando um torcedor vê no Twitter que certo jogador de seu time foi trocado, a tendência é que ele receba essa informação por meio do post de um jornalista e não do veículo em que

esse profissional trabalha, e essa assimilação de nome e foto de uma pessoa tende a interessar mais os seguidores. Surgem assim debates éticos, como a busca pelo engajamento de qualquer maneira e essa corrida pelos furos pode prejudicar o trabalho de apuração. De qualquer forma, essa novidade chegou para ficar e não deve perder força tão cedo (até, talvez, ser substituída por um outro processo de divulgação das informações), já que os próprios veículos as têm adaptado para tentar manter suas relevâncias junto ao público em ambientes cada vez mais concorrenciais.

Finalmente, vale ressaltar que o livro-reportagem resultante deste trabalho pode interessar tanto jornalistas quanto fãs de basquete em geral. Apesar de a pesquisa principal ser focada nas transformações do jornalismo que cobre a NBA, há diversas histórias que podem adicionar conhecimento para quem já assiste à liga e convencer aqueles que ainda não têm esse hábito a darem uma chance para o basquete.

5 REFERÊNCIAS

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post Industrial Journalism: Adapting to the Present**. Tow Center for Digital Journalism. Nova York: Columbia University, 2013.

ARATON, Harvey; DARDIS, Martin; KETEYIAN, Armen. **Money Players: Days and Nights**. Nova York: Simon and Schuster, 1997.

BAYLOR, Elgin. **Hang time: my life in basketball**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2018.

BECHTEL, Mark. **He Crashed Me So I Crashed Him Back: The True Story of the Year the King, Jaws, Earnhardt, and the Rest of NASCAR's Feudin', Fightin' Good Ol' Boys Put Stock Car Racing on the Map**. Boston: Little, Brown and Company, 2010.

BLUMLER, Jay; COLEMAN, Stephen; GUREVITCH, Michael. **Political Communication** — Old and New Media Relationships. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 625(1), 2009, p. 164–181.

COUTO, Andréia Terzariol. **Livro-reportagem: guia prático pra profissionais e estudantes de jornalismo**. Campinas: Alínea, 2017.

CROATTO, Pete. **From Hang Time to Prime Time: Business, Entertainment, and the Birth of the Modern-Day NBA**. Nova York: Simon and Schuster, 2020.

DEBORD, Guy. **The Society of the Spectacle**. Camberra: Hobgoblin Press, 2002.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Mutação no jornalismo**: como a notícia chega à internet. Brasília: UnB, 2013.

KIRCHBERG, Connie. **Hoop Lore**: A History of the National Basketball Association. Jefferson: McFarland, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. **The Agenda-Setting Function of Mass Media**. The Public Opinion Quarterly, vol. 36, n. 2, Oxford University Press, American Association for Public Opinion Research, p. 176-187, 1972.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

RYAN, Bob. **Scribe**: My Life in Sport. Nova York: Bloomsbury Publishing USA, 2014.

SPORTS ILLUSTRATED. **Vault**, 2021. Disponível em: <<https://vault.si.com/>>.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo cidadão**: informa ou deforma? Brasília: Ibict; UNESCO, 2009.

THE NEW YORK TIMES. **The New York Times – Search**, 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/search/>>.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**: Coleção Teorias do Jornalismo, v.1. Florianópolis: Insular, 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença. 1999.

ANEXOS

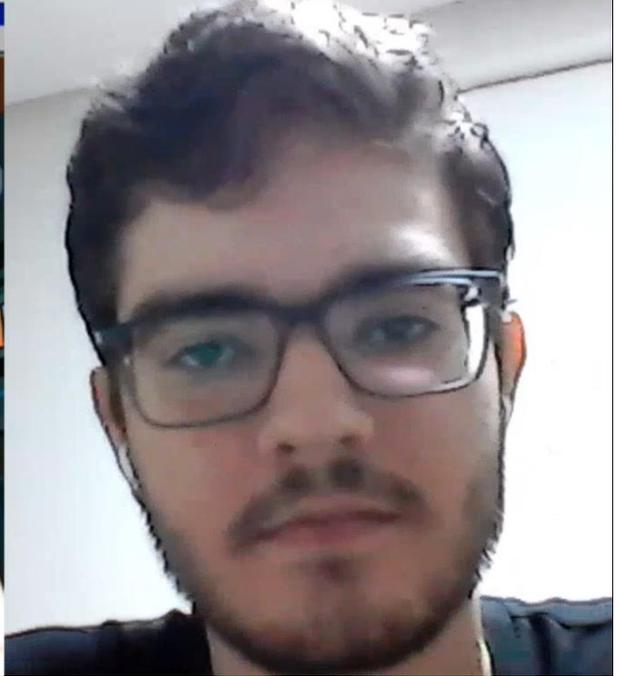
Anexo I: entrevista com Jon Krawczynski



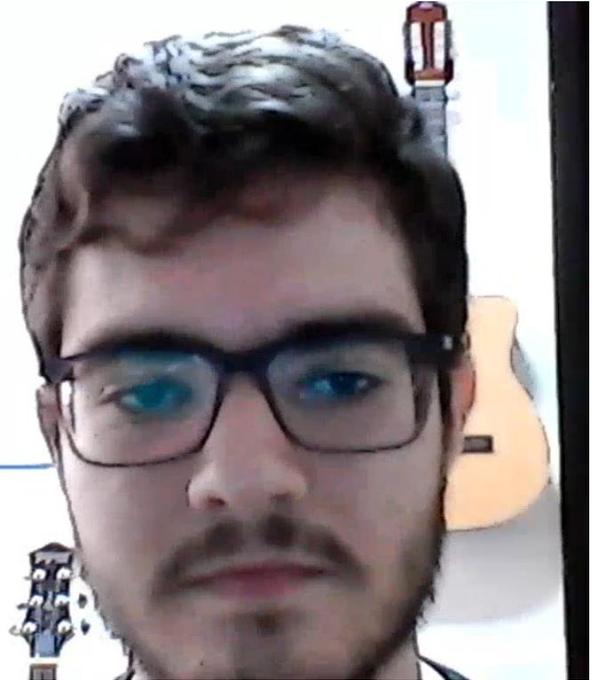
Anexo II: entrevista com Alex Kennedy



Anexo III: entrevista com Josh Robbins



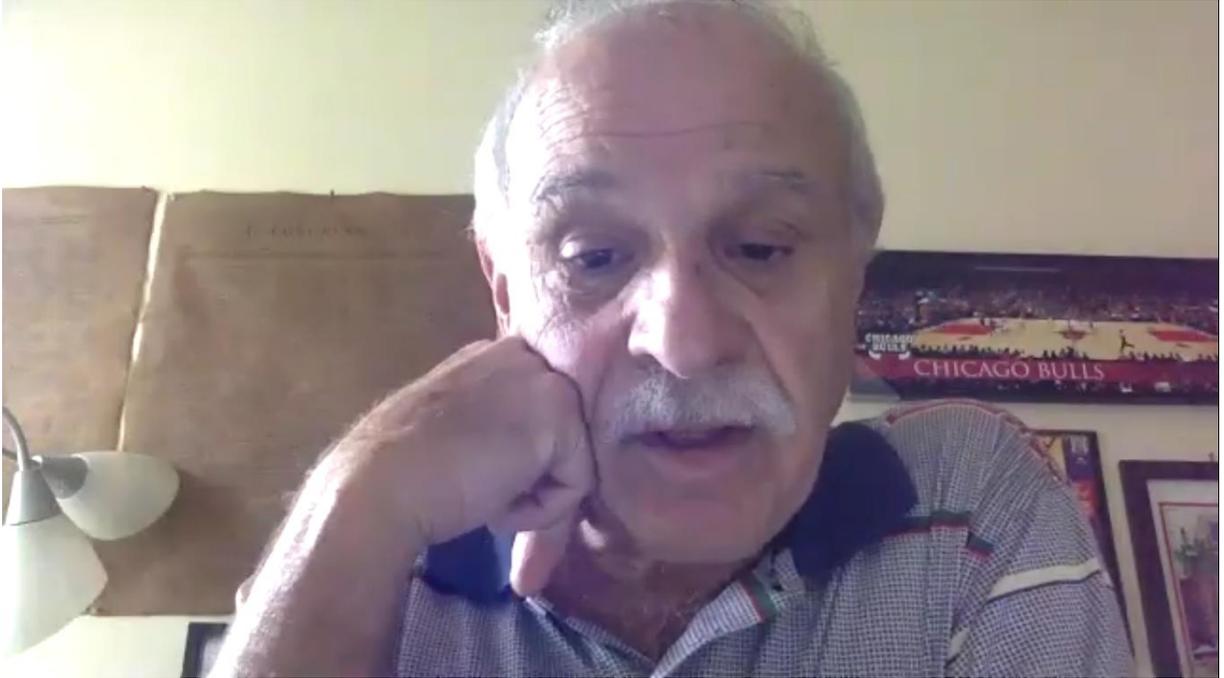
Anexo IV: entrevista com Royce Young



Anexo V: entrevista com Bob Ryan



Anexo VI: entrevista com Sam Smith



Anexo VII: entrevista com Ricardo Bulgarelli



Anexo VIII: entrevista com Rolando Ferreira



Anexo IX: entrevista com José Renato Ambrósio



Anexo X: termo de autorização de publicação de produção acadêmica



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Pedro Henrique Santaroma Quinto Leão
do Curso de Journalismo, matrícula 2018201270046-0,
telefone: (64) 99987-2912 e-mail ph-quiste@hotmail.com, na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos
do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
A Liga das Celebridades: as transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA
gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões
do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado
(Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG,
MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a
título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 22 de novembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es): Pedro Henrique S. Quinto Leão

Nome completo do autor: Pedro Henrique Santaroma Quinto Leão

Assinatura do professor-orientador: Rogério Pereira Borges

Nome completo do professor-orientador: Rogério Pereira Borges